



A mulher e os desafios na conquista do pastorado:

Um estudo de caso em uma igreja evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus

Women and challenges in the conquest of pastorate:

A case study in an Assembly of God evangelical church in Manaus city

Adriana Girão da Silva Mello*

Daniel Barros de Lima**

Resumo: No mundo inteiro a mulher vem lutando para mudar um cenário que por séculos carrega as marcas das ações limitadoras da sociedade e das visões preconceituosas. No Brasil, em meio às notáveis conquistas, as mulheres lançam-se agora na busca da liderança eclesiástica das igrejas evangélicas, ganham espaço nos altares e conquistam cada vez mais fiéis para essas denominações. Mas a questão ainda é polêmica e muitas pessoas acham estranha uma mulher no púlpito e duvidam de sua capacidade. Tendo em conta este enfoque, o presente artigo busca verificar os principais desafios enfrentados pelas mulheres em seu acesso ao ministério pastoral. Trata-se de uma pesquisa descritiva, bibliográfica e de campo de abordagem quantitativa e qualitativa. Os resultados mostram que entre os entrevistados há a concordância de que as mulheres podem ser pastoras evangélicas e que existe na congregação exemplos de mulheres pastoras, mas elas atuam com limitações porque o sistema não abre espaço para o desenvolvimento de seus trabalhos, e estão sempre sob o comando de lideranças masculinas que direcionam suas ações, impondo barreiras e impasses às suas tentativas de agir como verdadeiras líderes eclesiásticas. Assim, pode-se concluir que o avanço e as conquistas das mulheres nas igrejas ainda são cercados de grandes desafios e nem sempre pastores e teólogos aprovam a liderança feminina no comando destas instituições.

Palavras-chave: Mulher. Pastorado. Igreja.

* Adriana Girão da Silva Mello. Bacharel em Ciências Teológicas (2014). Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (2001) e especialização em Administração Hospitalar (2005). Diretora de unidade da Secretaria do Estado da Saúde. Contato: <adriana_girao@hotmail.com>.

** Daniel Barros de Lima. Mestre em História Social (2016). Possui licenciatura Plena em História (2011) e Especialização em Metodologia do Ensino Superior (2010) e bacharelado em Ciências Teológicas (2008). Doutorando em Teologia (DINTER) pelo PPG-EST São Leopoldo-RS (2016). Docente da Faculdade Boas Novas. Contato: <daniel.barros@fbnovas.edu.br>.



Abstract: Women worldwide has been fighting to change a setting that for centuries bears the marks of limiting actions of society and prejudiced views. In Brazil, among the notable achievements, women throw themselves now in search of ecclesiastical leadership of the evangelical churches, are gaining ground on the altars and gaining ever more faithful to these designations. But the issue is still controversial, and many people find it strange a woman in the pulpit and doubt their ability. Given this focus, this article seeks to verifying the main challenges faced by women in their access to pastoral ministry. This was a descriptive, bibliographical and field research of quantitative and qualitative approach. The results show that there is agreement among respondents that women can be pastors and evangelical congregation that exists in instances of female pastors, but they operate with limitations because the system does not allow space for the development of their work, and are always under command of male leaders who direct their actions, imposing barriers and deadlocks to their attempts to act as true ecclesiastical leaders. Thus, we can conclude that the advancement and achievements of women in the churches are still beset with major challenges, and pastors and theologians not always approve of female leadership in command of these institutions.

Keywords: Women. Pastorate. Church.

Introdução

A luta da mulher por novos papéis sociais parece ser uma situação sem volta. É cada vez mais evidente que elas caminham e se estabelecem em um mundo que durante séculos foi de domínio masculino. Embora ainda haja resistência, embora muitas mulheres ainda tropecem em práticas cotidianas extremamente frágeis, em realidades humilhantes, como a violência doméstica, a desigualdade salarial, as barreiras invisíveis no campo da promoção, a maior jornada de trabalho, elas avançam desafiando estereótipos e firmando-se como personalidades que assumem o controle do próprio destino, para alcançar outros objetivos, como os cargos mais elevados na hierarquia de empresas, de liderança nas igrejas, condição que vem sendo observada em muitas denominações evangélicas, onde algumas mulheres estão deixando de ocupar cargos subalternos para assumir funções de liderança na comunidade.

Conquanto os desafios desta nova empreitada são imensos, pois muitas pessoas na sociedade ainda são contra a presença feminina no púlpito das igrejas no papel de pastoras, e muitos homens recusam sua autoridade, por considerar a mulher incapaz de exercer funções tradicionalmente exercidas por homens, como o pastorado.

Essas questões são temas que são analisados no transcórre do artigo, cuja intencionalidade está em verificar os desafios enfrentados pelas mulheres em seu acesso ao ministério pastoral.

No tocante à metodologia adotada para a execução do estudo, este envolveu uma pesquisa descritiva, bibliográfica e de campo, tendo como *locus* da pesquisa uma igreja evangélica da Assembleia de Deus no Amazonas, em Manaus, com o tratamento dos dados efetuados por meio da abordagem qualitativa.



Os participantes e as participantes da pesquisa totalizaram 300 pessoas, representando 24% do universo populacional, que engloba aproximadamente 1.300 membros. Trata-se de uma amostra probabilística aleatória simples (a seleção dos entrevistados ocorreu de forma que cada um tivesse a mesma probabilidade de ser escolhido).

A amostragem aleatória simples é descrita como o tipo de amostragem probabilística mais utilizada. Da exatidão e eficácia à amostragem, além de ser o procedimento mais fácil de ser aplicado, todos os elementos da população têm a mesma probabilidade de pertencerem à amostra. O processo consiste em selecionar uma amostra 'n' a partir de uma população 'N'.

A condição histórico-social da mulher como caracterização do seu processo de emancipação

No início da era moderna na Europa, a mulher era vista como o sexo desregrado por excelência. “*Une beste imparfaicte, sans foy, san loy, sans craincte, sans constance*”,¹ afirmava um provérbio da época. O desregramento feminino teria começado no Jardim do Éden, quando Eva cedeu à tentação da serpente incitando Adão à desobediência ao Senhor. “As meninas eram educadas para acreditar que deviam obedecer a seus maridos, e os meninos, pelos constantes espancamentos”.²

Desse modo, em tempos mais remotos às mulheres reservava-se um lugar de quase absoluta submissão ao homem. O espancamento e a morte eram comuns, caso o homem duvidasse da sua honestidade. Um dos fatos históricos marcantes dessa sujeição está relacionado a Constantino, primeiro imperador cristão, que mandou executar sua esposa por infidelidade, sendo isso o ponto de partida para um período de pressões e atrocidades contra a mulher na Europa, como consequência do direito romano.³

Na tradição judaica, de características eminentemente patriarcais, a mulher sempre foi considerada diferente do homem. Essa forma de pensar vem embasada na tradição bíblica, que diz que Deus se revela na pessoa humana. Mulher e homem como pessoas distintas, iguais, livres em comunhão recíproca, desde a criação. Apesar deste pensamento divino de igualdade entre o homem e a mulher no Antigo Testamento, já se pode observar a discriminação da mulher, que era propriedade do marido; não tinha autonomia nem era contada entre os habitantes; se nascia estéril, era relegada ou substituída pela escrava; tinha participação passiva somente para procriação; convivia com a poligamia do marido, sem direito de reclamar.⁴

¹ Do francês, que significa “uma besta imperfeita, sem fé, sem medo, sem constância”.

² DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.107.

³ RAMOS, Jucelem Guimarães Belchior. *A representação social da mulher no contexto da relação conjugal violenta na cidade de Manaus*. Recife: Bagaço, 2003, p. 29.

⁴ CASONATTO, Odalberto Domingos; VIEBRANTZ, Rosalir. *Jesus e as Mulheres: a mulher nos evangelhos sinóticos*. Publicado em junho de 2011. Disponível em: <<http://www.abiblia.org>>. Acesso em: 4 jul. 2014.

A situação degradante da mulher se arrastou por diferentes épocas na história da humanidade. Vivendo no silêncio e na obscuridade, a mulher não participava da vida social, estando sempre sujeita aos mandamentos da lei.

Em tempos mais atuais, a mulher vem lutando por sua emancipação social, aprofundando cada vez mais a ruptura com os padrões de comportamento e atitudes marcadas pelo patriarcalismo, que passou a ser duramente questionado a partir da segunda metade do século 20.⁵

Nesse sentido, embora uma grande maioria continue presa ao lar e ao marido, muitas já desenvolveram um ideal de independência que vem se refletindo também nos setores religiosos, onde historicamente sua participação passou por variadas formas, desde a adoração feminina pela fertilidade até a sua total e completa negação. Ou seja, a mulher saiu de um estado de divinização para entrar em um estado de total anulação.⁶

No texto *Mulheres por cima*, Natalie Davis afirma que, no início da era moderna na Europa, o sexo feminino era visto como o sexo desregrado por excelência:

Esse desregramento estava fundado na sua fisiologia, o seu ventre, como um animal faminto quando não era muito bem alimentado pelas relações sexuais ou pela prole, podia sair a vagar pelo corpo, dominando sua fala e sua razão. Os homens, que também sofriam da retenção de fluídos sexuais, tinham a força de vontade e a sagacidade de controlar suas necessidades brutais por meio do trabalho, da bebida ou do estudo, mas a mulher só podia tornar-se histérica. É essa a imagem que foi utilizada como pretexto para a sujeição das mulheres.⁷

Estudiosos como o jurista Florimond de Raemond, de Bordéus, foi um dos católicos que tentaram desacreditar a participação da mulher na religião, considerando-a como ser de vontade fraca e intelecto débil. Outros polemistas protestantes definiam as mulheres católicas como ignorantes e supersticiosas e, em seu pior aspecto, como prostitutas e histéricas.⁸

Todavia, talvez se possa dizer que as religiões estão entre os campos que sofreram mais fortemente os impactos do feminismo, seja pelas mudanças provocadas nas práticas religiosas das mulheres, seja pela influência sobre o desenvolvimento de um novo discurso, a *teologia feminina*.⁹

⁵ CARDOSO, Ruth. *Os novos desafios postos à mulher*. Veja Especial Mulher, parte integrante de Veja ano 34, n. 45, novembro, 2001, p. 176.

⁶ DURÃES, Jaqueline Sena. *Mulher, sociedade e religião*. Congresso de Teologia da PUC, Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia>>. Acesso em: 6 jul. 2014, p. 9.

⁷ LIMA, Daniel Barros de. *Historiografia contemporânea e alguns sujeitos sociais como objeto da pesquisa histórica: aproximações e possibilidades*. In: PIO JÚNIOR, Amaury Oliveira; SILVA FILHO, Eduardo Gomes da (org.). *História da Amazônia em doze olhares: novas contribuições*. Manaus: Mundo Novo, 2014, p. 101-124.

⁸ DAVIS, 1990, p. 158.

⁹ Cf. GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 415-445.



Durante os últimos dois séculos, há uma grande variedade de vozes abordando feminismo e religião, embora as vozes dos séculos 19 e 20 estejam separadas por um longo período de silêncio.¹⁰

Relatos históricos revelam que é usual a argumentação de que o cristianismo terá sido, ao longo dos tempos, fundamental na definição do lugar reservado à mulher, não apenas no interior da Igreja, mas no contexto mais vasto da sociedade e das culturas ocidentais.¹¹

Assim, pode-se dizer que a participação da mulher na história do cristianismo é fato inquestionável. Se analisados corretamente os textos bíblicos em relação às mulheres, pode-se perceber que o cristianismo dá a elas o respeito e o lugar de destaque que merecem.¹²

Embora haja muitos empecilhos para a mulher legitimar sua participação na religião, em especial no início do cristianismo, com passar do tempo a mulher foi conquistando espaço. Atualmente no Brasil há uma infinidade de comunidades pentecostais livres que ordenaram mulheres aos diferentes níveis de oficialato, ou seja, algumas igrejas, como as pentecostais, já começam abrir espaços para a figura feminina, alargando seus horizontes na hierarquia de poder que presidem estas organizações.¹³

Desse modo, verifica-se que a ascensão pública das mulheres nas organizações religiosas é crescente em lugares anteriormente ocupados só por homens, como é o caso dos seminários e das faculdades de teologia, bem como em posição de bispas, pastoras, presbíteras e diaconisas. “Tais mudanças, ainda que lentas, evidenciam um processo de ruptura com a concentração androcêntrica¹⁴ do poder na sociedade”.¹⁵

A esse respeito, estudos sobre a distribuição do poder dentro das igrejas têm revelado a existência de um crescente interesse em reavaliar o papel da mulher na direção das comunidades pentecostais e destacam o aumento do número de denominações com pastorado feminino e a multiplicação de igrejas fundadas por mulheres. Movimentos em favor da consagração de mulheres

¹⁰ ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, 2001, p. 79-96. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a05>>. Acesso em: 6 jul. 2104, p. 80.

¹¹ RIBEIRO, Silvana Mota. *Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo*. IV Congresso Português de Sociologia. Coimbra, nove de abril, 2000. Disponível em: <<http://www.aps.pt/cms/docsprv/docs/dpr462e044e7pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

¹² SILVA, Marilda Coelho da. *O papel da mulher na história do cristianismo*. Publicado em dezembro de 2011. Disponível em: <http://mgculturalpb.com>>. Acesso em: 12 jul. 2014, p. 5.

¹³ MOURA, Henrique. *O papel da mulher na religião*. Disponível em: <<http://www.komedi.com.br/escrita/leitura>>. Acesso em: 2 jul. 2014.

¹⁴ Tendência para privilegiar o ponto de vista masculino ou considerá-lo como representante do geral. AURÉLIO, Dicionário, 2011.

¹⁵ FONSECA, André Dione; FARIAS, Marcilene Nascimento de. Relações de gênero e cultura religiosa: um estudo comparado sobre a atuação feminina na Igreja Evangélica Luterana do Brasil e Assembléia de Deus. In: *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2010, p. 6-41. Disponível em: <<http://www.hcomparada.historia.ufjf.br/revistahc/artigos.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014, p.16.



já podem ser percebidos tanto na Assembleia de Deus – uma das mais tradicionalistas e sexistas denominações do pentecostalismo clássico – como na comunidade Batista, que é a maior e mais popular do protestantismo histórico brasileiro. No caso específico da Assembleia de Deus, creem que as mulheres podem servir em todos os papéis de ministério da igreja, incluindo o de pastor.¹⁶

Em síntese, o fato é que o papel das mulheres nas assembleias vem sendo debatido há bastante tempo, mas nos últimos 25 anos alcançou o ápice, não somente em muitas denominações protestantes e ortodoxas importantes, mas também em muitas igrejas evangélicas.¹⁷

Porém, conforme observação de alguns estudos há que se levar em conta que nem sempre as mudanças nas hierarquias eclesiais resultam das reivindicações e da pressão das mulheres que as integram. Fatores de outra natureza têm favorecido a adoção do pastorado feminino em algumas igrejas, como, por exemplo, o acirramento da competição religiosa e o reduzido número de homens para o sacerdócio, podendo-se observar também que, em sua forma mais simples, as opiniões com relação ao papel do ministério das mulheres nas igrejas estão divididas em dois grupos distintos: aqueles que acreditam que às mulheres deve ser permitido ocupar posições de autoridade pastoral na igreja, e aqueles que creem que somente homens podem ter tais posições.

Em suma, analisando o relato bíblico é possível perceber que a mulher ganha espaço como algo essencial na criação. Sem a presença dela, a criação seria incompleta e o homem estaria solitário e sem procriação. Dessa forma, a mulher é parte integrante da criação da história e da sociedade. Homem e mulher são dependentes um do outro para a perpetuação da raça humana. Nesse sentido, a mulher exerce seu papel na história como instrumento de Deus agindo na dispensação da graça, ativa e direta nos propósitos divinos.¹⁸

Embora ao longo da história da humanidade tenham vivido e sofrido com visões preconceituosas e cercadas de limitações que as oprimiram de todas as formas, as mulheres vivenciam hoje um processo de emancipação que lhes trouxe algumas conquistas. Atuando fora da ocupação do lar, mostram que estão aprendendo um novo vocabulário de vida, inclusive cercando o epiX5 centro de um universo até então de total domínio masculino: o posto de liderança nas igrejas evangélicas, no qual já começam a abrir caminho com determinação e operando transformações, impulsionadas por suas ideias e sonhos. Mas sabem também que há ainda muitos desafios e obstáculos a serem vencidos neste sentido. Quanto ao olhar que a sociedade ainda carrega acerca

¹⁶ MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, maio/junho, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 14 jul. 2014, p. 4.

¹⁷ COSTELLA, Matt. *O papel das mulheres na Igreja local*. Foundation Magazine, jul-ago, 2001. Disponível em: <<http://www.feasite.org/Foundation/fbcrollof.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2014, p. 6.

¹⁸ ZIEGLER, Maria Fernanda. *Apagadas da História*. Unesp Ciência, dezembro de 2013. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unespocie>. Acesso em: 13 jul. 2014.



da mulher, Simone de Beauvoir afirma que “O homem é definido como ser humano e a mulher é definida como fêmea. Quando ela se comporta como ser humano é acusada de imitar o macho”.¹⁹

A visão de uma igreja evangélica em Manaus acerca da mulher no pastorado: breve análise do campo pesquisado

Tendo como tema central a mulher no campo religioso, o presente estudo mostra, por meio de pesquisa realizada em uma congregação evangélica na cidade de Manaus, os principais desafios enfrentados por ela em sua tentativa de acesso ao ministério pastoral. As partes seguintes do artigo trazem a análise dos conteúdos e a elaboração das principais conclusões a respeito do que foi levantado com os participantes da pesquisa, na qual utilizou-se um questionário com 5 perguntas fechadas, aplicado em 300 sujeitos da congregação em foco, e de uma entrevista constante de três perguntas aplicada a um grupo de 2 mulheres que atuam como pastora na citada igreja.

Na análise dos dados, fez-se uso dos critérios de inclusão e exclusão. Para os critérios de inclusão, levou-se em conta a predisposição do/da respondente para participar do estudo e o interesse pelo tema. Como critério de exclusão, descartaram-se participantes mais jovens (com idade menor que 18 anos) e com ingresso recente na congregação (inferior a um ano). Seguindo a orientação metodológica pertinente,²⁰ vencida a etapa de organização e classificação do material coletado, fez-se um mergulho analítico na opinião e nas falas dos participantes, para assim produzir as interpretações e explicações que procuram dar conta, em alguma medida, do problema e das questões que motivaram a investigação. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas – Congregação T²¹ – está situada na zona sul de Manaus.

A perspectiva dos membros da Congregação “T”

Na etapa seguinte, apresentamos os dados que, após sistematizados, revelaram os seguintes resultados a respeito da perspectiva dos membros da referida congregação sobre os desafios das mulheres no pastorado.

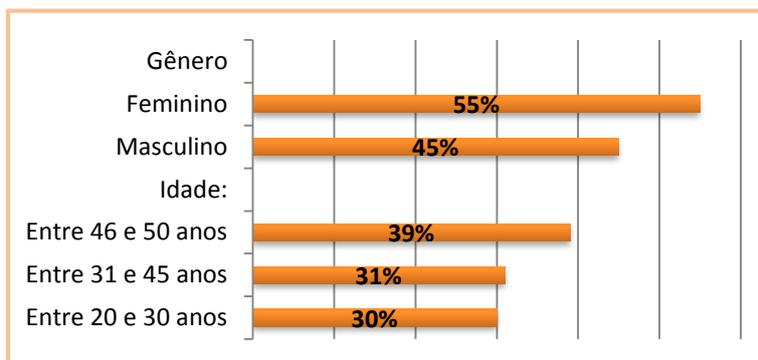
¹⁹ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970, p. 72.

²⁰ DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, març./2002, p. 139-154. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2014.

²¹ Com intuito de salvaguardar e respeitar a congregação, protegendo-a de possível identificação e tendo em conta os princípios éticos da questão, esta é tratada no estudo como Congregação “T”.



Gráfico 1 – Perfil dos informantes: idade e gênero

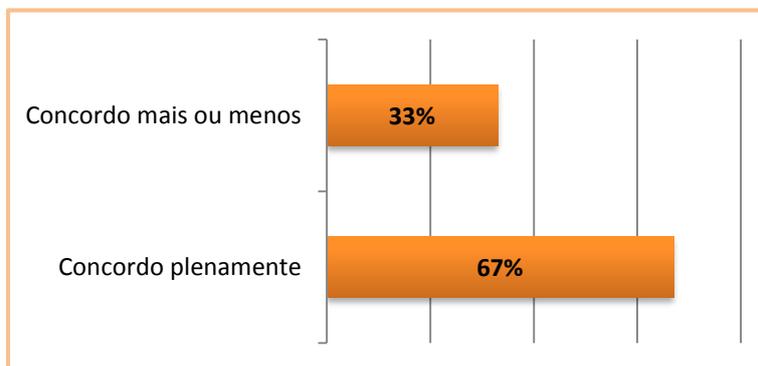


Fonte: IEADAM – Congregação “T” (2014).

O Gráfico 1 destaca o perfil dos/as entrevistados/as, mostrando que a maioria é do sexo feminino (55%). Com relação à idade, os percentuais mais expressivos foram da idade entre 46 e 50 anos (39%) e 31 a 45 anos (31%). Estes resultados estão de acordo com pesquisas realizadas que mostram que as mulheres de meia idade formam a maioria dos fiéis pentecostais. Diante do exposto, podemos visualizar a resposta do público em destaque.

No gráfico abaixo, segue-se o foco com a pergunta: *Opinião a respeito da mulher como pastora evangélica no ministério feminino?*

Gráfico 2 – Opinião a respeito da mulher como pastora evangélica



Fonte: IEADAM – Congregação “T” (2014).

Pelos resultados apresentados no Gráfico 2, percebe-se que a maior parcela dos respondentes (67%) concorda que as mulheres podem ser pastoras evangélicas. Embora o lugar delas na hierarquia eclesiástica ainda seja mal interpretado,²² muitas igrejas evangélicas estão quebrando tabus e abrindo as portas para o ministério pastoral feminino.

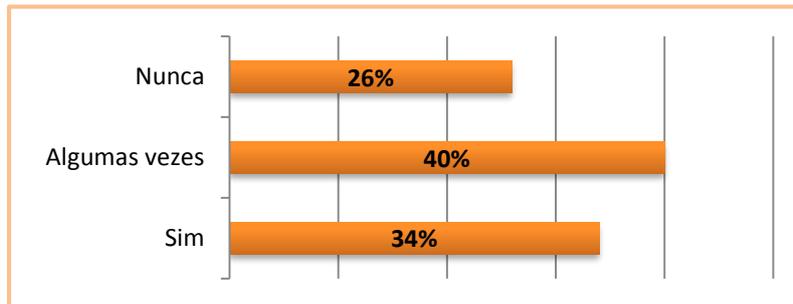
²² GONZALEZ, Justo. *Uma história ilustrada do cristianismo: A era dos mártires*. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 155.



Essa questão acirrada tende a aumentar, pois as congregações evangélicas andam em sintonia com as mudanças em relação ao lugar da mulher na sociedade e isso tem levado o segmento feminino a ocupar cada vez mais postos de liderança.

A seguir, apresentamos o Gráfico 3. Ele mostra a medição referente à pergunta: *As mulheres estão preparadas para atuarem em trabalhos importantes como o pastoral nesta Igreja?*

Gráfico 3 – Percepção sobre o preparo das mulheres para atuarem como pastoras



Fonte: IEADAM – Congregação “T” (2014).

Conforme se vê, 40% dos respondentes afirmaram que a preparação das mulheres para atuarem no pastorado da Congregação “T” ocorre algumas vezes. Deve-se lembrar que cada igreja, dentro de sua própria filosofia e ministério, estabelece critérios para a ordenação de pastores.²³ Mas em todas as igrejas evangélicas a hierarquização evidencia a pessoa do pastor, sendo ele a autoridade máxima dentro da comunidade religiosa. Além de coordenar as atividades de administração e funcionamento da igreja, tem entre suas responsabilidades diversas atividades juntos aos membros.

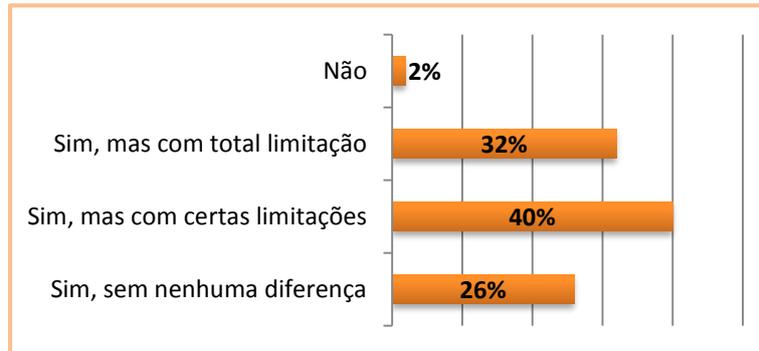
Muitas mulheres no Brasil estão procurando se preparar para ocupar os cargos de liderança nas igrejas evangélicas. Na medida em que tentam buscar o pastorado feminino, no entanto, elas precisam se adaptar ou transformar um contexto marcado por um processo histórico em que as igrejas cristãs são instituições sumamente patriarcais e que, conseqüentemente, suas doutrinas, estrutura e liturgia colocam sempre os pastores superiores a elas. Precisam buscar no conhecimento a legitimação para exercer os papéis que são conferidos pelo cargo.²⁴

Dessa forma, evidencia-se o reconhecimento da mulher no ministério. O próximo gráfico mostra a avaliação da pergunta: *Existe, nesta Congregação, exemplo de mulheres atuando como Pastoras? Elas têm as mesmas atribuições de um pastor?*

²³ SANTOS, Vacillius dos. *O papel da mulher na igreja*. São Paulo: Naós, 2004, p. 67.

²⁴ SANTOS, Maria Goreth. *Mulheres pastoras: em busca de um espaço na hierarquia evangélica*. Disponível em: <<http://www.sbsociologia.com.br/portal>>. Acesso em: 20 out. 2014.

Gráfico 4 – Considerações sobre a existência, na Congregação de exemplos de mulheres atuando como pastoras



Fonte: IEADAM – Congregação “T” (2014).

Na opinião de 40% dos respondentes, existe na Congregação “T” exemplo de mulheres pastoras, mas elas atuam com certas limitações. Antes, no interior das instituições religiosas evangélicas, as mulheres eram vistas apenas como educadores, missionárias, dirigentes de oração e coordenadoras de departamento de assistência social. Mas os tempos mudaram e o púlpito, que por longo tempo lhe foi negado em boa parte das instituições, é hoje local onde vozes femininas ecoam em pregação.

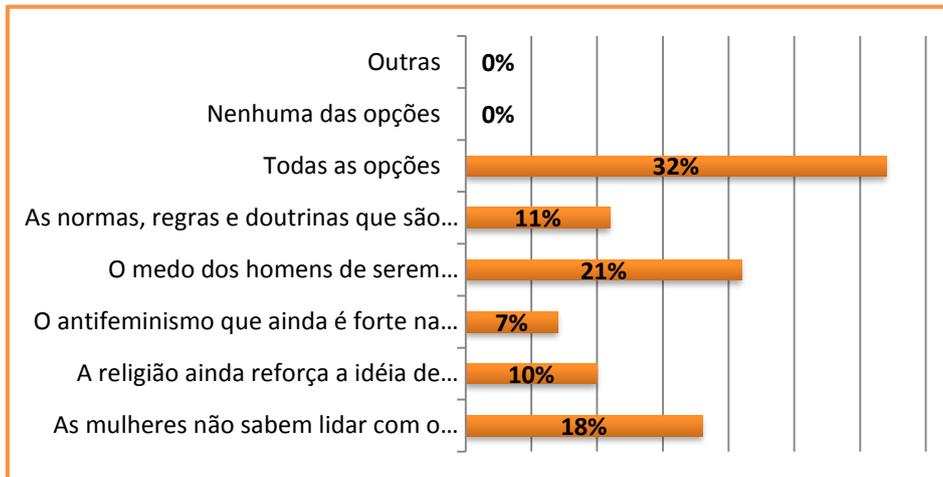
Algumas convenções da Assembleia de Deus já avançam na aceitação do pastorado feminino. Exemplo disso é a Convenção no Distrito Federal (CEADDIF), que já vem promovendo algumas mulheres, embora a atitude não tenha sido aprovada pela Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB).²⁵ O assunto é um tabu e está envolto por polêmicas e conflitos. O fato é que começa a se tornar algo natural ver uma mulher no púlpito.²⁶ Assim, evidenciam-se os desafios da mulher no ministério. O próximo gráfico apresenta a avaliação da pergunta: *Apontem os principais desafios enfrentados pelas mulheres na sua trajetória ao pastorado?*

²⁵ DUTRA, Marcelo. Mulheres na linha de frente. In: *Jornal Nosso tempo*, edição 62, março de 2014. Disponível em: <http://www.jornalnosstempo.com.br/ler_noticia.php?pid=167>. Acesso em: 22 out. 2014.

²⁶ STEFANO, Marcos. Lugar de mulher é no púlpito. In: *Revista Alvorada*, ano XI, n. 74, jul./ago./set., 2013. Disponível em: <www.ipib.org>. Acesso em: 22 out. 2014.



Gráfico 5 – Os principais desafios enfrentados pelas mulheres na sua trajetória ao pastorado



Fonte: IEADAM – Congregação “T” (2014).

Os resultados apresentados pelo gráfico revelam que a maioria dos/as respondentes (32%) considera que os principais desafios enfrentados pelas mulheres na sua caminhada rumo ao pastorado é o fato de elas não saberem lidar com o poder na igreja onde o antifeminismo ainda é forte, reforçando, por consequência, a ideia de submissão das mulheres a normas, regras e doutrinas, que são totalmente definidas para a liderança masculina e o medo dos homens de serem comandados por uma mulher.

Isso deixa claro que nas igrejas ainda se pode encontrar preconceitos e limitações que não permitem que a mulher exerça uma maior contribuição em alguns setores eclesiais.

Para a maioria das mulheres que conseguiram chegar ao pastorado, é fácil oferecer solidariedade às aflições dos necessitados. Mas a solidariedade que ela oferece como pastora que trabalha, partilha e evangeliza, muitas vezes lado a lado com outros pastores, permanece ignorada ou – por que não dizer – silenciada. Na prática, a igreja ainda exerce um poder de forma clericalizada.

Mulheres no pastorado na Congregação “T”: trajetórias e desafios

Procurando uma compreensão maior de tais pressupostos com a intenção de validá-los, o presente estudo, por meio de uma entrevista realizada com 2 mulheres pastoras da Congregação “T”, levantou algumas questões pertinentes. Desse modo, respondendo à indagação que se fez sobre o papel da mulher como pastora evangélica, as respostas obtidas foram:

“Acredito que na atualidade têm sido comum, em algumas igrejas ou ministérios, consagrar “pastoras”, olhando para bíblia não achamos registro de mulheres com esta função, mas vemos que houve mulheres que tiveram sua participação de forma especial, como Débora,



Ester, Lídia entre outras, então creio que a mulheres pastoras evangélicas, são chamadas específicas” (Entrevistada, 58 anos, e 51 anos como membro da Congregação).

“Uma oportunidade maravilhosa dada às mulheres, haja vista que as mulheres contribuem com o ministério pastoral, com sua doçura e sensibilidade” (Entrevistada, 38 anos, 26 anos como membro da Congregação).

As mulheres acreditam na sua potencialidade para a realização do pastorado e, o que é mais importante, consideram-se preparadas para isso. Vale destacar que hoje o movimento das mulheres faz emergir um novo modelo geral de ação coletiva e de experiências individuais, cujas intervenções nos setores sociais (na vida política e social) todos podem acompanhar.²⁷

Questionadas sobre como o pastorado feminino é tratado na Congregação “T”, as entrevistadas responderam dizendo:

“Podemos falar de forma abrangente, que o pastorado feminino nesta e na nossa convenção, as pastoras, são apenas sombras, figuras meramente ilustrativa, pois o chamado e o papel do pastorado é desenvolvido pelo pastor (esposo)” (Entrevistada, 58 anos, e 51 anos como membro da Congregação).

“Com muita honra” (Entrevistada, 38 anos, 26 anos como membro da Congregação).

Observam-se divergências nas respostas, mas o fato é que o avanço das mulheres neste sentido não tem sido fácil. Desse modo, estabelecem classificações de cargos e responsabilidades e mesmo mulheres ordenadas e capazes são sempre vistas como “ajudadoras”.²⁸

Posicionando-se sobre a questão a respeito de sua preparação para o sacerdócio (pastorado), as entrevistadas afirmaram o seguinte:

“Eu pessoalmente não tenho nenhum pastorado, o pastor é o meu esposo, eu apenas levo o nome de “pastora” pelo novo modelo de gestão da nossa igreja, mulher de pastor também é pastora. Entendo que para ser pastora deve existir um trabalho desenvolvido nessa área, que não é o meu caso. Preparo para o pastorado, isso seria pretensioso da minha parte, não me preparei para ser pastora, sirvo a Deus por convicção e estou pronta para fazer a sua obra, se tivermos que falar de preparo, afirmo que nos meus longos 51 anos de fé, têm sido uma grande escola, aprendendo os ensinamentos do nosso Senhor” (Entrevistada, 58 anos, e 51 anos como membro da Congregação).

“Anos de dedicação à obra e aplicação na palavra de Deus” (Entrevistada, 38 anos, 26 anos como membro da Congregação).

Percebe-se nestes depoimentos que as mulheres que exercem o pastorado na Congregação “T” o fazem por convicção e movidas pela fé que abraçaram e não porque se preparam em termos acadêmicos para assumir o cargo de liderança religiosa, embora uma das respondentes tenha reconhecido como importante.

As propostas para a formação teológica feminina sugerem que isso é fundamental, e que deve ser desenhado dentro dos padrões que refletem as tendências atuais e ser contextualizada

²⁷ TOURAINE, Alain. *O mundo das mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 54.

²⁸ FERNANDES, Carlos. O púlpito pode ser delas? In: *Revista Cristianismo Hoje*, edição 40, ano 7, abr./maio, 2014, p. 21.



em face das características do mundo em que se vive e que se projeta de maneira vertiginosa, onde o pluralismo religioso aumenta a cada dia.²⁹

Indagadas sobre os desafios enfrentados pelas mulheres na sua trajetória ao pastorado, as entrevistadas posicionaram-se argumentado que

“Os maiores desafios para quem estão maduros e quer fazer a obra e a forma como estamos inseridos no sistema, que não abre espaço para desenvolver um trabalho conforme entendemos se estamos sob o comando de líderes, somos direcionados por eles, então o maior desafio é ficar apenas com o nome ‘pastora’” (Entrevistada, 58 anos, e 51 anos como membro da Congregação).

“Ministrar as vidas que necessitam de uma palavra vinda de Deus e oração pelas famílias e enfrentar tanta oposição, tantas barreiras, enfim tropeçar nos impasses gerados por uma sociedade ainda tão impregnada pelo patriarcalismo” (Entrevistada, 38 anos, 26 anos como membro da Congregação).

Os anseios da mulher pelo exercício de funções de liderança dentro das igrejas provocam tensões. Mesmo nas denominações religiosas que permitem o pastorado feminino, a hierarquia permanece fortemente marcada pela figura masculina e isso cria vários pontos de divergências entre as líderes e os representantes da parcela masculina, inclusive entre as próprias seguidoras da comunidade, muita das quais se recusam a aceitar o poder eclesiástico feminino.

Dessa forma, por um lado percebe-se a insatisfação vivenciada por líderes estabelecidas em igrejas que perpetuam o modelo de hierarquia pautado no elemento masculino. Por outro lado, tem-se a contrariedade com a qual se deparam as mulheres que, mesmo cientes de seu papel e de sua capacidade liderança, são impedidas de chegar ao pastorado ou de desenvolvê-lo com maior amplitude de ação.

Resumindo, não restam dúvidas de que a discriminação em relação às mulheres é como afirmam os estudiosos: uma característica presente na maioria das religiões. Ainda que persistam limitações em relação ao papel da mulher na Igreja, pode-se observar uma tendência maior na revisão desta participação, sobretudo nas igrejas pentecostais.³⁰

Em seu estudo sobre o cristianismo no hemisfério sul, Rodolf von Sinner lembra o que Dana Roberts pensou acerca do papel da mulher, quando afirmou que o cristão típico do século 20 não é um homem europeu, mas uma mulher africana ou latino-americana.³¹ Por fim, faz-se necessária uma maior valorização das mulheres no campo de comando das instituições religiosas.

²⁹ LEITE, Iracy de Araújo. *A formação teológica feminina para o novo milênio*. Disponível em: <<http://www.teologica.br/files/FormacaoTeologicaFemininalracy.doc>>. Acesso em: 27 out. 2014.

³⁰ MACIELLI, Pollyanne Rachel Fernandes; SILVAII, Magnólia Gibson Cabral da. *A consagração feminina nas igrejas cristãs em Campina Grande/PB: estudo comparativo entre as igrejas católicas e evangélicas*. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article>>. Acesso em: 26 out. 2014.

³¹ SINNER, Rudolf von. O cristianismo a caminho do sul: teologia intercultural como desafio à teologia sistemática. In: *Revista Estudos Teológicos*. São Leopoldo-RS, v. 52, jun./dez. 2012, p. 38-62.



O mundo precisa de exemplos femininos que possam determinar novos parâmetros nesses tempos em que há grande necessidade de tornar o mundo mais justo, digno e fraterno.³²

Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo geral verificar os principais desafios enfrentados pelas mulheres em seu acesso ao ministério pastoral. As ideias básicas submetidas à análise neste estudo mostram que, por séculos, a mulher foi considerada como sexo desregrado, absolutamente sujeita à submissão masculina e vítima de constantes espancamentos, inclusive até a morte, caso o homem duvidasse de sua honestidade. Esta situação degradante se arrastou por diferentes épocas na história da humanidade, até o dia em que as mulheres resolveram lutar por sua emancipação, rompendo com os padrões de comportamentos e atitudes que exacerbavam os preconceitos que as limitavam e oprimiam de todas as formas, inclusive no campo religioso onde tiveram também que enfrentar inúmeros empecilhos para legitimar sua participação.

Desse modo, com base nas informações contidas na literatura revisada e nos esclarecimentos prestados pelos/as integrantes da pesquisa, foi possível chegar a alguns resultados a respeito dos desafios enfrentados pelas mulheres em sua trajetória rumo ao pastorado.

Na concepção das pastoras entrevistadas e dos/as demais participantes do estudo, as mulheres têm grande potencialidade para a realização do pastorado, mas a caminhada neste sentido não tem sido fácil porque o sistema não abre espaço para o desenvolvimento de seus trabalhos, e estão sempre sob o comando de lideranças masculinas que direcionam suas ações, impondo barreiras e impasses às suas tentativas de agir como verdadeiras líderes eclesiais.

Assim, pode-se concluir que o avanço e as conquistas das mulheres nas igrejas ainda são cercados de grandes desafios e nem sempre pastores e teólogos aprovam a liderança feminina no comando destas instituições. Alguns até concordam que as mulheres podem alcançar postos de liderança na igreja, mas como pastoras assistentes ou associadas, nunca como pastoras principais. Outros, contudo, sequer cogitam a possibilidade, pois entendem que as mulheres não devem, de forma alguma, assumir o papel pastoral.

Não se pode deixar de reconhecer que se trata de um assunto delicado, a ponto de algumas pessoas se negarem inclusive a se pronunciar sobre ele, e que geralmente esse tema é discutido mais sob a ótica cultural dos tempos bíblicos em relação ao tempo atual e dos direitos de igualdade entre homem e mulher.

Contudo, polêmicas à parte, a verdade é que as mulheres avançam na esfera religiosa, como dizem as diversas abordagens utilizadas para tratar do assunto, reinventando ministérios para

³² SANTOS, Valéria Maria Barreto Motta dos. *As mulheres gentis*. In: Revista Práxis, n. 9, 2006, p.133.



o futuro e recusando as antigas definições e expectativas. Assim pode-se concordar com os teóricos quando afirmam que as mulheres ministras estão expandindo a própria essência do ministério cristão e guiando toda a igreja para repensar e renovar sua liderança e membresia.

Uma vez que as mulheres representam parcela bastante significativa do séquito das igrejas evangélicas, e tendo em conta o que elas têm realizado dentro destas instituições, nada mais justo do que lhes abrir espaços eclesiais, para que tenham condições de oferecer uma contribuição maior nestes campos religiosos.

Referências

AURÉLIO, Dicionário. 2011.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CARDOSO, Ruth. *Os novos desafios postos à mulher*. Veja Especial Mulher, parte integrante de Veja ano 34, n. 45, novembro, 2001.

CASONATTO, Odalberto Domingos; VIEBRANTZ, Rosalir. *Jesus e as mulheres: a mulher nos evangelhos sinóticos*. Publicado em junho de 2011. Disponível em: <<http://www.abiblia.org>>. Acesso em: 4 jul. 2014.

COSTELLA, Matt. *O papel das mulheres na Igreja local*. Foundation Magazine, jul-ago, 2001. Disponível em: <<http://www.feasite.org/Foundation/fbcrollof.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, março/2002, p. 139-154. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>. Acesso em: 12 out. 2014.

DURÃES, Jaqueline Sena. *Mulher, sociedade e religião*. Congresso de Teologia da PUC, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia>>. Acesso em: 6 jul. 2014.

DUTRA, Marcelo. Mulheres na linha de frente. In: *Jornal Nosso tempo*, edição 62, março de 2014. Disponível em: <http://www.jornalnossotempo.com.br/ler_noticia.php?pid=167>. Acesso em: 22 out. 2014.

FERNANDES, Carlos. O púlpito pode ser delas? In: *Revista Cristianismo Hoje*, edição 40, ano 7, abril/maio, 2014.

FONSECA, André Dionei; FARIAS, Marcilene Nascimento de. Relações de gênero e cultura religiosa: um estudo comparado sobre a atuação feminina na Igreja Evangélica Luterana do Brasil e Assembleia de Deus. In: *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2010, p. 6-41. Disponível em: <<http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GONZALEZ, Justo. *Uma história ilustrada do cristianismo: A era dos mártires*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

LEITE, Iracy de Araújo. *A formação teológica feminina para o novo milênio*. Disponível em: <http://www.teologica.br/files/FormacaoTeologicaFemininalracy.doc>>. Acesso em: 27 out. 2014.

LIMA, Daniel Barros de. Historiografia contemporânea e alguns sujeitos sociais como objeto da pesquisa histórica: aproximações e possibilidades. In: PIO JÚNIOR, Amaury Oliveira; SILVA



- FILHO, Eduardo Gomes da (org.). *História da Amazônia em doze olhares: novas contribuições*. Manaus: Mundo Novo, 2014.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, maio/junho, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 14 jul. 2014.
- MACIELLI, Pollyanne Rachel Fernandes; SILVAIL, Magnólia Gibson Cabral da. *A consagração feminina nas igrejas cristãs em Campina Grande/PB: estudo comparativo entre as igrejas católicas e evangélicas*. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article>>. Acesso em: 26 out. 2014.
- MOURA, Henrique. *O papel da mulher na religião*. Disponível em <http://www.komeidi.com.br/escrita/leitura>>. Acesso em: 2 jul 2014.
- RAMOS, Jucelem Guimarães Belchior. *A representação social da mulher no contexto da relação conjugal violenta na cidade de Manaus*. Recife: Bagaço, 2003.
- RIBEIRO, Silvana Mota. *Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo*. IV Congresso Português de Sociologia. Coimbra, nove de abril, 2000. Disponível em: <http://www.aps.pt/cms/docsprv/docs/dpr462e044e7pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014.
- ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, 2001, p. 79-96. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a05>>. Acesso em: 6 jul. 2104.
- SANTOS, Maria Goreth. *Mulheres pastoras: Em busca de um espaço na hierarquia evangélica*. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal>>. Acesso em: 20 out. 2014.
- SANTOS, Vacíllius dos. *O papel da mulher na igreja*. São Paulo: Naós, 2004.
- SANTOS, Valéria Maria Barreto Motta dos. *As mulheres gentis*. In: *Revista Práxis*, n. 9, 2006.
- SILVA, Marilda Coelho da. *O papel da mulher na história do cristianismo*. Publicado em dezembro de 2011. Disponível em: <http://mgculturalpb.com>>. Acesso em: 12 jul. 2014.
- SINNER, Rudolf von. O cristianismo a caminho do sul: teologia intercultural como desafio à teologia sistemática. In: *Revista Estudos Teológicos*. São Leopoldo-RS, v. 52, jun./dez. 2012.
- STEFANO, Marcos. Lugar de mulher é no púlpito. In: *Revista Alvorada*, Ano XI, n. 74, jul./ago./set., 2013. Disponível em: www.ipib.org>. Acesso em: 22 out. 2014.
- TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- ZIEGLER, Maria Fernanda. *Apagadas da história*. Unesp Ciência, dezembro de 2013. Disponível em: http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unespocie>. Acesso em: 13 jul. 2014.

[Recebido em: maio de 2016 /
Aceito em: julho de 2016]